

A cidade de Plúris

**Marco Abreu**

(menção honrosa da [Categoria B](#); pseudónimo utilizado: Xavier Adan)

**Citação:** Marco Abreu, "A cidade de Plúris", *E-topia: Revista Electrónica de Estudos sobre a Utopia*, n.º 2 (2004).  
ISSN 1645-958X  
<<http://www.letras.up.pt/upi/utopiasportuguesas/e-topia/revista.htm>>

Plúris, 7 de Janeiro de 2025

Caro Miguel:

Em primeiro lugar espero que esta carta, fiel emissora da minha saudade, te encontre de soberba saúde, para que, enfim, a possas ler de uma assentada sem que te falte fôlego, e mais importante, sem que te pare o coração, pois a excitação para que te preparo é algo de inigualável. Temo dizer-te para onde vim, não te aqueça demasiado o sangue, e explicar-te como é lindo e maravilhoso este mundo novo. Em tuas reflexões revelaste, vezes que não foram poucas, o desejo de conhecer uma terra – sendo tudo menos desta Terra – que fosse o sítio em cuja perfeição se envergonha de si mesma. O sítio onde o Olimpo é mero pormenor, repasto de esplendor e beleza, o sítio onde o Sol não se quer pôr. Digo-te, Miguel, tal sítio existe! Perdoa-me a exclamação, porém é pouca. Toda a entoação que pretenda exaltar esta cidade, cai por terra como um esforço gorado. Suficientemente intrigado? Ainda não? Esperava de ti a frieza e a calma necessárias para ouvir tal relato sem que te saltasse do peito o coração, mas também te digo que se não cederes pela razão hás-de ceder por esse órgão “cupidoso”, tamanho romântico que és. Não leves a razão aonde ela não consegue ir, deixa-te antes levar pelo meu relato que, na intempérie do intelecto, é tónico, e no oceano do impossível é farol da possibilidade. Como vês, não me canso de enaltecer a cidade onde me encontro, e mal sabes tu o que me custa encontrar palavras para tal feito, os vocábulos são tão variados e dizem de tudo. No entanto, para cantar esta cidade, não lhe bastando um hino, é necessário que se inventem novos rituais, novas consciências e que as palavras não se tenham por senhoras do indescritível.

Começo assim por explicar, em primeiro lugar, como se chama a cidade e por que se chama assim, e a partir daí tentarei ser o mais fiel ao modelo do meu relato, esclarecendo sistema de educação, sistema religioso e organização política. Mas sem um princípio não há um fim e início o meu relato expondo já a ideia global desta maravilhosa cidade.

A cidade de Plúris, terra que só viste em sonhos e ansiaste palmilhar, deve o seu glorioso nome a Fausto Plurius, o Fundador, criador do sistema actual que, imprima-se no espírito, é o melhor sistema social que já encontrei até hoje – julgo que a História se verga perante tal organização. Dizem os habitantes de Plúris que Fausto veio de muito longe em busca de uma terra perfeita, onde pudesse implantar e construir uma cidade de raiz. A lenda, mais forte que o facto, sobrepõe-se ao que os olhos vêem, e conta que o Fundador se fez ao mar com várias embarcações a fim de encontrar terreno fértil para as suas ideias florescerem e ganharem realidade. Demorou, conta-se, três meses a encontrar a ilha e digo-te, com toda a sinceridade, que esta ilha continua perdida para muitos, achada por muito poucos e criada pelo sonho de outros tantos. Fausto vagueou pelo mar com uma crença, desgostoso, diz-se, mas com a esperança cravada nos ossos e o cheiro da terra nova a entupir-lhe as narinas, chorou perdido, encontrou-se na luta contra as vagas e finalmente o paraíso feito ilha, a esperança feita terra, o sonho foi pedra de toque e alicerce do impossível. O mito enche o povo de glória, talvez de um passado encenado pelos poetas, seja de que forma for, sabemos, tu e eu, que os poetas ao conto acrescentam um ponto onde só cabe linha. Assim veio ao conhecimento do povo que Fausto ao encontrar a ilha teve de se debater com uma raia de enorme envergadura, luta imortalizada pelo templo que tem nome da espécie e fica no fim – que bem pode ser o princípio – da cidade, o Templo da Raia.

Esta maravilhosa cidade, pérola luminescente da história humana, alberga, actualmente três mil quatrocentos e trinta e cinco habitantes, tem metade do tamanho da cidade de Lisboa e, segundo parece, pois ainda não tive tempo de a visitar, tem uma tapada civil fora dos limites da cidade, até aos confins da ilha, que possui espécies conhecidas pelos nossos livros de Biologia e outras que nem sonhamos conhecer. Toda a urbe se transforma em jogos de cor, com a alegria e vida dos habitantes e com motivos de mar que enfeitam as ruas e os edifícios. Cá – que contente estou por aqui estar – todas as ruas levam ao centro da cidade, onde se encontram os principais edifícios. Os mais altos – uma vez que toda a cidade está pensada em extensão e não em altura – são a Torre Didactis, o edifício principal e o Armazém de Plúris, uma espécie de mercado grossista para onde desagua toda a produção e de onde se abastece toda a cidade. Ambos os edifícios são de requintada arquitectura, de fino recorte organista, que ao invés de se destacarem da paisagem urbana, se mesclam com divina proporção e fluidez, qual coração no seu corpo. É ao que se costuma chamar a cereja no topo do bolo. Todas as ruas desta deslumbrante urbe, onde Deus, com toda a certeza, passeou, são de uma engenharia que mais

parece fina iguaria para os olhos dos ávidos humanos. O recorte da malha urbana é fluido. Embora fechada sobre si, a cidade facilita as pequenas fugas, ditas de contemplação, para a sua Tapada Civil. Profundamente inserida no meio onde está, não é bloco de betão sem músculo, é antes cristal de lápis-lazúli, espelhando a natureza quase sobre-humana dos seus habitantes e dos seus próprios construtores e arquitectos. Miguel, é como te digo, impera aqui a genialidade. Em poucos minutos sabes tudo o que há para saber deste sítio, e em menos tempo te apaixonas. Estou deslumbrado e quase molho o papel com as lágrimas, não só porque estou a ver o que de certa forma sonhaste, e é tamanha a emoção, mas porque escrever-te a contar se revela uma experiência sobremaneira injusta. Roçando quase o sarcasmo e o escarninho, parecendo que te estou a fazer pirraça. Não julgues tal, esta carta pode muito bem ser um convite. Continuo, no entanto, o relato, hás-de visitar este sítio.

Toda a construção da cidade tem um propósito, a sua forma, a colocação dos edifícios, as suas ruas e avenidas. Faz lembrar uma teia de aranha tecida pelo tempo e pelo esforço de toda a humanidade. Vista de cima – estive, faz pouco tempo, no Museu da Cidade e vi a maquete – a cidade tem a forma de uma casca de caracol. Ao centro, os edifícios que mencionei anteriormente. Ao longo da última cintura, como que para delimitar a cidade, encontram-se outras construções que, embora tenham a altura dos restantes edifícios, pisos térreos, não são iguais em importância. Peço que faças, se puderes, um esboço com o que te vou relatar. Desenha um quadrado e acha o seu meio, depois de achares esse meio desenha-lhe um pequeno círculo em volta, a partir desse círculo peço-te que desenes uma via, larga, a avenida principal, que se afaste do meio, tal qual a espiral de uma casca de caracol, esta espiral tem de estar afastada do primeiro lado do quadrado, no segundo lado menos afastada, no terceiro lado quase a tocar e desembocará no quarto lado dando por terminada. Desenha agora, não sei por que lado começaste a desenhar a via principal, mas de qualquer forma esboça uma espécie de rosa-dos-ventos com outras três vias de menor proporção em forma de espiral também, elas encontram-se umas com as outras, mas cada uma deve ir dar ao seu lado do quadrado, essas também são avenidas, mas de menor importância, revelarei já de seguida a importância das vias e dos edifícios.

Ora, Miguel, esta cidade é brilhante! Concebida pelo famoso arquitecto que acompanhou Fausto na sua viagem em busca de outro mundo, de seu nome Johanes Petrus, desenhador exímio, os seus esboços são água fresca de uma fonte de sabedoria, esgrima o lápis de carvão e desenha plantas que mais parecem sonhos de tom cinzento-escuro. É outro dos senhores, ao lado de Fausto, do qual se contam milhentos mitos, dos quais se destaca a vez em que ficou fechado numa gruta em busca de um esboço perfeito. Conta-se que levou uma quantidade enorme de lápis de todas as formas e feitios e se pôs a desenhar na rocha, em busca da fórmula e forma perfeita para a cidade de sonho de seu amigo Fausto. As ideias convergiram de tal forma que se diz ter desenhado a sonhar. Dormindo, num sono intenso, desenhou a cidade de Plúris por instinto sem sequer ver medidas. Inspiração divina, assim diz o povo. Plúris é força humana e arquitectura divina. Johanes, o Arquitecto, desenhou a cidade sob o binómio constituição-cidade, de acordo com as ideias de Fausto. Pretendeu o Arquitecto desenhar uma cidade que correspondesse na perfeição à ideia que Fausto tinha da sociedade perfeita... Digo-te que se saíram muito bem os dois, um pensador e o outro artista que transformaram um conjunto de alíneas-chave, sobre o funcionamento de tal sociedade, em avenidas, ruas e ruelas, de acordo com uma ideia primordial de organização e fluidez.

A ideia fundamental do povo pluriano reside no esforço e no sofrimento de cada um, qualquer que seja a aspiração que tenhas para compreender este sistema será gorada, no nosso mundo, tal qual o conhecemos, não existe tolerância e intelecto que alberguem tal ideia. Fundamentalmente, aqui, todos os indivíduos têm todas as profissões – perdoa o absurdo, mas é a verdade. De acordo com a Constituição da Excelsa e Pluridemocrata Cidade de Plúris todo o habitante deve participar da profissão do outro, este artigo visa a compreensão, de todos os indivíduos, das dificuldades e vantagens de todas as profissões. Acabo assim por revelar o outro motivo pelo qual a cidade se chama Plúris. Este motivo é mais forte porque toda a Constituição visa a pluridisciplinabilidade e o pluriprofissionalismo dos habitantes da cidade. É claro que existe toda uma estrutura de ensino que permite o funcionamento de tal sistema, mas revelarei mais tarde, de momento retenho-me a contemplar alguns dos pontos arquitectónicos e constitucionais do funcionamento da cidadela.

Desta forma, a própria arquitectura fluida em forma de espiral e a colocação precisa dos edifícios importantes fazem desta cidade um sítio único. Uma espécie de osmose constituição-arquitectura faz da cidade um misto de industrialismo gritante e organismo naturalmente atenuante. A ideia é conservar o habitante para que se sinta em casa a todo o momento. Da mesma forma, há uma preocupação incrível com a actividade contemplativa dos indivíduos – os habitantes de Plúris são muito dados à reflexão – que prima precisamente pela possibilidade de deslocação que a cidade oferece para fora dela até à Tapada Civil. É um misto de mãe-galinha e de mãe-loba. Esta cidade, com todo o poder concentrado nela tem tudo o que um indivíduo necessita para viver, como se a cidade tivesse vida e se preocupasse em demasia com os seus “filhotes”, à guisa de mãe-galinha. Da mesma maneira, à moda de mãe-loba,

atira-os para fora dela, para o meio da contemplação do selvagem e do misterioso desígnio da natureza. Como disse atrás, nunca se sabe onde começa e onde acaba Plúris, mas sabe-se que existem limites. Plúris é sonho.

Imagino como te debes encontrar, Miguel. Estupefacto? Curioso? Que a minha carta guie a tua emoção, e que eu seja o mensageiro da tua momentânea felicidade... Que não te falte fôlego... Plúris, na sua fluida e viva forma espiral, é quase toda em tons de azul, alguns verdes marinhos e alguns castanhos terra, é natureza. Perfeitamente solúvel no meio, há quem diga que não é preciso subirmos muito alto no céu para que se deixe de notar a cidade. Assim ao seu centro, como já havia referido, encontram-se as Torres Didactis e o Armazém de Plúris, da rotunda que circunda esses edifícios centrais saem as quatro vias que te pedi para desenhares anteriormente, e no fim de cada uma dessas vias encontram-se os outros edifícios de igual importância para a cidade. Ao fim da via principal, a Avenida do Templo, encontra-se o Templo da Raia, por baixo dessa avenida existem pequenos riachos que, tal qual veias, dão vida e cor à avenida. Costuma ser percorrida, em romaria, pelos habitantes no Dia do Estado Plúridemocrata de Plúris, celebra-se aí o dia da Fundação da cidade que calha, por ordem do destino, no mesmo dia em que Fausto matou a raia, feito que mais tarde veio dar nome ao Templo. Estes pequenos riachos que passam por baixo da avenida principal desaguam no mar, mas não sem antes percorrerem quase toda a cidade, assim temos a sensação de que a cidade se encontra sobre um redemoinho de vida. Ao fim da segunda via, isto se imaginares a cidade como eu a vi na maquete, ou seja, com a Avenida Principal a terminar a sul, então, no sentido dos ponteiros do relógio, a segunda via, uma avenida mais pequena, deve terminar a oeste, vais encontrar o Ministério Pluriano, trata-se de um órgão que quase podíamos dar por desnecessário, visto que é tamanha a organização que quase dispensa um Governo. Porém, para que se possam dar as relações externas, é necessário que haja um representante. No fim da terceira via, que, no sentido que temos seguido, se encontra a norte, temos o Complexo Empeiria, onde estão situados todos os laboratórios, bem como as fábricas e o Centro de Reciclagem e Tratamento de Resíduos. Este complexo contrasta com toda a cidade, isto porque tomamos Plúris como uma cidade que nada tem de semelhante a outras cidades. Na verdade não tem, tirando este espaço toda a cidade parece transbordar de tons vivos, a própria cidade parece irradiar luz. Esta é a parte mais cinzenta da cidade, no entanto é um órgão fundamental. Na quarta e última via temos o Campo de Jogos e o Anfiteatro da Situação. O Campo de Jogos conta mais ou menos com o mesmo que os nossos estádios, uma pista de corridas, um relvado, bancadas, tem forma oval, não difere muito nas linhas gerais. A única coisa de distinto é o campo principal que, ao invés das balizas do nosso tão amado futebol, tem dois postes gigantescos que terminam no círculo com cerca de dois metros de diâmetro, com redes. Estas são as “balizas”, pois não sei como se chamam na verdade, de um desporto engraçado que toma o nome de Crosse-Polo, uma mistura de lacrosse e pólo, que é jogado com tacos enormes, os jogadores podem arremessar a bola pelo chão ou pelo ar, tendo como objectivo acertar com a bola, batida só pelos tacos, no círculo. O jogo é constituído por uma série de regras que escuso de relatar, no entanto é agradável de ver. Junto ao campo, como tinha referido, está plantado, qual flor de lótus, o Anfiteatro da Situação. Neste espaço, dedicado às artes de palco, todos os habitantes podem manifestar essa sua dimensão, tomando à letra a expressão “o teatro da vida”. É possível assistir todas as noites a peças de teatro, árias de piano, concertos de música folclórica e exposições de obras de arte. Todos os habitantes criam pela natureza da sua constituição intelectual. É deveras incrível assistir à vida nesta cidade, em mais sítio nenhum vi algo assim. Nesta cidade não existem elites, não existem grupos, talvez excepcionalmente, quando alguns se juntam para ensaiar o trabalho que pretendem apresentar. Os saberes estão distribuídos de tal forma que nenhum indivíduo sabe mais que outro, todos os habitantes têm um conhecimento útil a si mesmo e à própria cidade, o que sabem contam, quando discorrem nas suas longas discussões de fim de tarde, é agradável assistir a tamanha harmonia, Miguel. Termino por aqui o meu relato, voltarei a escrever-te de hoje a três dias, com saudade me despeço. Um abraço, querido amigo.

Xavier Adan

\*

Plúris, 11 de Janeiro de 2025

Caro Miguel:

Perdoa-me o atraso, mas estive embrenhado na descoberta desta cidade maravilhosa, em busca de mais pormenores que saciem tua fome de perfeição e beleza. Espero mais uma vez que te encontres bem e de saúde, com o coração a seu ritmo normal, espero também que tenhas alento para que possa continuar o meu relato, que não te salte o coração pela boca, que não fiques cego com a luz que te chega aos olhos através do meu relato.

Tenho passado estes últimos dias a viajar pela cidade numa tentativa de conhecê-la melhor, ontem mesmo tive que me deslocar ao Ministério de Plúris, pois é lá que se trata da permanência na cidade. Quando cá cheguei avisaram-me que podia permanecer na cidade por tempo ilimitado, mas parece-me, pelo que tenho ouvido também, que não é desta forma que funciona a permanência. Só cá posso ficar por três meses e não poderei cá voltar mais vez nenhuma, o paraíso, por muito experimentado que seja, antes ou depois da morte, há-de ser sempre algo desejado e nunca vivido no absoluto. Desta forma poderás cá vir, mas sozinho. Se cá vieres tenta dormir pouco, a luz desta cidade não é feita da mesma matéria que a nossa, e a beleza ultrapassa em muito os limites impostos pela nossa cega faculdade estética. Do belo conhecemos o primo afastado.

Na carta que te escrevi anteriormente fui pouco explícito relativamente à organização da cidade, à forma como funciona. É necessário que fique esclarecida a ideia que lancei, a de que todos os indivíduos têm todas as profissões, não por necessidade mas por gosto. É necessário compreender que o egoísmo pode ser pai do altruísmo e que neste sentido a ideia de um eu social pode suprimir a ideia de um eu individual, mesmo que a consciência de indivíduo se mantenha. Trata-se simplesmente de uma nova concepção do chamado instinto gregário, que precisamente por ser instinto é tudo menos consciência. Substitua-se a ideia de instinto gregário pela de consciência gregária. Aqui, neste maravilhoso lugar, a actividade profissional regulamenta-se por um princípio fundamental, o da tão conhecida ideia de democracia. A causa do sistema é a mesma para onde ele tende. Assim temos, forçosamente, indivíduos formados de forma a poder compreender de tudo um pouco, da mesma forma temos uma disponibilidade prática por parte de todos para as mais variadas profissões. O fim é simples, todo o indivíduo, para que possa exercer o seu direito de cidadania, para que possa desfrutar de todos os bens que a própria cidade oferece tem, por natureza e não por necessidade, de compreender o sofrimento, o desgaste, assim como as virtudes e prazeres de todas as profissões. Julgo que houve um pensador que preconizou sociedade semelhante. Na prática funciona livre de imperfeições. Ora, para te fazer compreender, terei de te colocar em semelhante posição, se bem que a título de exemplo. Imagina tu que tinhas trabalhado em vários sítios, em diversas profissões portanto, ora canalizador, ora professor, ora ministro, ora agricultor, terias um leque de conhecimentos que proporcionaria uma compreensão mais alargada destas profissões, das suas agruras e dos seus pequenos prazeres. Assim, quando um qualquer indivíduo que tivesse alguma destas profissões como carreira te falasse acerca do que custa, ou do que compensa, trabalhar nessa profissão, tu compreenderias melhor e talvez fizesses algo para melhorar a sua situação. Pois talvez o que importe mais aqui é a compreensão das dificuldades, bem menos do que as facilidades de determinada profissão. A ideia permanece encerrada no seguinte, pela experiência da dificuldade de uma profissão se compreende melhor o indivíduo que nela participa. Nenhum indivíduo terá uma carreira, a não ser a “carreira” de cidadão. Um indivíduo pluriprofissional, como aliás todos aqui nesta cidade, é um indivíduo que se encontra muito mais próximo de si, pois o homem está longe de ser, por natureza, limitado. Antes pelo contrário, acontece que por ser uma mera possibilidade a partir do momento em que nasce, se pode construir a si nas mais diversas situações e para as mais diversas situações. Nesta cidade, qual El Dorado, pelo facto de todos serem tudo, não se encontram injustiças políticas praticadas, nem por ministros de poltrona, nem por operários que mais não conhecem do que a sua própria precária condição profissional.

A Cidade de Plúris é um organismo, todo o indivíduo é um poro que traz vida à urbe, toda a arquitectura resplandece e flui em linhas curvas que não desgastam a sua beleza, antes aconchegam e tornam possível uma vida mais do que em sociedade, em família. Todo o motivo arquitectónico nasce desta ideia genial de fluidez, de todo o habitante participar do outro activamente, de haver uma conjugação entre sofrimento e compreensão em prol de si e do outro. É realmente magnânimo. Para que todo este sonho seja possível é necessária uma preparação que esteja à altura. Miguel, lembras-te das Torres Didactis, as torres que referi na primeira carta que te enviei, as que se encontravam no centro da cidade, é chegada a altura de falar delas, passo a descrever-te não só algumas linhas arquitectónicas de realce, onde em cada ponto e em cada linha é reflectido o rosto do Universo, mas canto rejubilante, em hinos, o sistema que tal edifício alberga, o ensino. Todo o edifício é, aliás como quase toda a cidade, em tons de azul, porém de um azul celeste com conchas incrustadas ao longo da sua extensão, diria de inspiração gaudiana, se me quisesse perder em devaneios críticos sem fundamento. Nas linhas uma harmoniosa torre dá vida às conchas, sendo dos edifícios mais altos da cidade, culminando num quarto andar, entre o imaginado e o factual parece uma cornucópia derretendo sobre si mesma. No alto do edifício foi construída uma fonte que jorra água para as laterais, uma vez que à entrada há um lindo jardim em que brotam encrespadas flores de um exótico azul, ao som das gotas que caem suavemente. Ao longo de toda a torre não são poucas as janelas que dão luz natural às salas, fazendo de toda a construção um hino à naturalidade orgânica de toda a cidade. Tal edifício nada mais é do que o espelho daquilo que contém. Desta feita, Miguel, o conteúdo da torre é o casulo dos futuros plurianos, dos que, antes de participarem no mais belo estado que já vi, se encontram em formação, numa metamorfose impossível de adjectivar. O sistema educativo pluriano é cadenciado pela preparação. É em muito semelhante ao

nosso, pelo menos a nível estrutural, porém a nível de conteúdo é bastante diferente. Neste soberbo estado não poderia figurar uma educação que, incoerente com o funcionamento da sociedade pluriana, fosse genérica e sem vida anímica. Em Plúris os indivíduos iniciam a sua aventura social com apenas quatro anos de idade, neste sentido é bastante parecido com o nosso sistema. Dos quatro aos dez anos de idade todo o indivíduo passa por um processo de abertura da mente e de si. Apesar de parecer que estou a vender a banha da cobra, pois um processo deste género levará a pensar que os indivíduos são desprovidos da sua consciência para aceitar um estado, não é de facto o que se passa. Este processo leva a que cada um dos singulares habitantes de Plúris possa de futuro ter a capacidade de assimilar todo o conhecimento e todo o saber que torna possível o desempenho de todas as profissões. É um bocado como esvaziar a mente do que para nós está estigmatizado como humanamente possível, que é muito pouco. Para nós – infelizes metro-sapiens – Miguel, o humanamente possível é levar uma vida a tentar sobreviver, acreditamos em tudo e nem sempre somos acreditados como seres que podem tudo, em Plúris, como disse anteriormente, a verdadeira carreira de uma vida é ser cidadão. Esta libertação da mente é também um pouco o fazer compreender o que podemos ser, o medo é morto pelo poder que cada um sente. Para os plurianos, quando finda este processo, aos dez anos de idade, para além do poder que sentem, aliado a uma felicidade vitalizante, a expressão “preparados para tudo”, cegamente utilizada por nós, não descreve nem metade do que realmente acontece no fim deste primeiro patamar de ensino. Num segundo patamar, último também, todo o indivíduo é formado técnica e teoricamente. Uma vez que têm a mente liberta dos habituais grilhões racionais aprendem com uma facilidade as bases essenciais de todas as profissões, de forma a contemplarem uma vida sem dificuldades de maior grau. É dos onze anos aos dezoito que se aprende de tudo um pouco, e a assimilação é para eles tão mais fácil, acredita. Têm um ano lectivo de descanso entre os dez e os onze anos, então são incitados à actividade contemplativa e iniciam algo de extrema importância para todo o cidadão, coisa que revelarei mais tarde. O ensino dos onze aos dezoito é completamente teórico-prático, no verdadeiro sentido, não existe sobrecarga de trabalhos para os indivíduos, porque para além de estarem preparados estão cheios de vontade de saber novas coisas. São versados em Literatura, em Filosofia e em Artes Plásticas por um lado, e por outro lado recebem uma formação técnica que os ensina a trabalhar com todo o tipo de materiais de construção. Todas as futuras profissões possíveis são ensinadas nestes sete anos, de forma a preparar um futuro radiante. Não me posso esquecer de referir que todos os indivíduos recebem constantemente uma formação ao nível da economia e da gestão, não só por virem a exercer tais profissões, mas também porque é necessário que percebam como funciona o sistema de produção e consumo do Armazém de Plúris.

Miguel, é bem provável que tivesses ficado com a ideia de uma sociedade fechada à liberdade de movimentos, de opinião, ou mesmo encerrada em padrões limitadores das possibilidades humanas, digo-te que aqui as crianças crescem a brincar, como as nossas crianças, os jovens brincam como os nossos, e os adultos brincam também, a ideia que parece sair deste relato é deveras cinzenta comparada com a realidade que contemplo há uns dias. Gostava tanto de te mostrar e de te guiar por esta cidade, para que a pudesses conhecer comigo, mas tal não é possível. Começo a acreditar que nasci no lugar errado, no tempo errado, começo a desejar que todo o mundo tome Plúris como exemplo. Tenho de me despedir por hoje, escrevo-te mais tarde para te contar mais pormenores, para que fiques a saber mais algumas coisas deste magnífico estado. Fica descansado, prometo que serei breve. Vou sair para ir a um jogo de Cross-Polo. Um abraço, grande amigo.

Xavier Adan

\*

Plúris, 12 de Janeiro de 2025

Caro Miguel:

É um prazer estar a escrever-te de novo para te contar mais algumas coisas, da próxima vez que te falar já não será por carta, falar-te-ei pessoalmente, pois o tempo de permanência está a terminar. Caro amigo, ontem, no fim da carta, disse-te que ia ver um jogo de Cross-Polo, foi brilhante, que jogo magnífico, é apreciável a destreza necessária para tal jogo, e os atletas responderam muito bem aos apelos do público. O público pediu espectáculo e foi o que houve, bem, para te dizer a verdade este não era um jogo a contar para a competição, era uma espécie de jogo entre velhas glórias do desporto, daí o espectáculo.

Hoje de manhã estive no Templo da Raia, outra pérola arquitectónica desta maravilhosa urbe, este templo tem a forma de uma raia, pois celebra o acontecimento que precedeu a descoberta da ilha. Conta o mito, tantas vezes maior que a razão, que havia uma raia de grandes dimensões a guardar a ilha e que Fausto, na sua fatigante busca, a encontrou no caminho e teve de lutar contra ela para que pudesse chegar ao paraíso. A raia tornou-se assim um templo, e o templo, um local de exercício, não de uma

religião de confissão específica, mas da liberdade de perguntar e de responder-se a si num ambiente sagrado. Em Plúris não há outra religião para além da contemplação do mistério da vida, não existem dogmas fundados, mas existem formas de meditação, existe o ser que contempla e pergunta, respondendo-se a si, num ambiente de absoluta tolerância pela religiosidade do outro. O próprio templo foi construído de uma forma bastante peculiar, com vestígios de ideias arquitectónicas egípcias, a entrada parece estar incrustada no chão, o edifício, construído na ponta de uma escarpa, parece uma rampa de lançamento para a eternidade. Imagina uma raia vista de trás, ligeiramente inclinada de forma a deixar ver o seu dorso gigantesco, entra-se através de um arco que se pronuncia desde o telhado até ao chão, mesmo para dar a ideia de estar incrustado, a traseira do templo tem cerca de três andares de altura, tornando esta construção na terceira maior construção da cidade, precedida pelas Torres Didactis e pelo Armazém de Plúris. Temos a sensação de que somos abraçados pela raia quando lá entramos. No templo todos os dias se discutem temas e são expostas teorias de carácter, se assim posso dizê-lo, gnóstico. A todo o habitante é permitido o discurso livre em horas de palestra que, ao fim de contas, não têm hora, pois o templo encontra-se constantemente aberto, quer para assistir a discussões, quer para expor teorias aos outros conterrâneos.

Lembro-me de ter referido o ano de paragem que cada criança faz dos dez aos onze anos, falarei dele agora uma vez que está directamente relacionado com a capacidade contemplativa dos indivíduos. Esta paragem, minada de mistério, resulta num processo que é pautado tanto pela novidade como pela pergunta, isto é, depois do processo de abertura da mente pelo qual passam todas as crianças, este é o ano em que dão início à contemplação. É de lembrar que mesmo este tipo de paragem é controlado pelo ensino numa forma de visitas de estudo, imagine-se. Os que são pedagogos nessa altura levam os miúdos até à Tapada Civil, ao Templo, aos jogos, ao Anfiteatro, para que deles, ao contemplar a novidade, brotem perguntas. A consciência adquirida por esta fórmula de contemplação-pergunta leva a que as crianças ganhem à partida um sentido do que é para elas o sagrado que, para além do mistério da vida, invoca o que de mais puro há numa mente aberta e contemplativa. Desta forma tudo pertence ao sagrado, e toda a vida vale pelo que é e pelo que dela se faz.

Agora, que explanei em poucos pontos que espécie de religiosidade preenche as vidas dos habitantes de Plúris, procurarei explicar-te a forma como o estado é governado. Como te disse anteriormente, este estado é tão perfeito que quase dispensa governo, na realidade são necessárias referências para que o povo continue, não numa feliz e subentendida forma de controlo, mas sim num entendimento geral com a vida em sociedade. Em primeiro lugar, no Ministério Pluriano existe uma espécie de ecrã que anuncia a ordem de discussões para o dia a todos os habitantes, para votar as leis, organizar referendos, para regular a participação constante dos indivíduos na vida política da cidade. O Ministério é composto por cerca de trinta ministros, não eleitos, que só podem chegar a tal posto após os quarenta e cinco anos, isto porque aos quarenta e cinco anos já cada indivíduo possui uma experiência considerável em variadas profissões. Mesmo que não tenha trabalhado em todas, a própria constituição prevê que tenha trabalhado em profissões ligadas entre si por um ramo comum, tenha feito trabalho de construção, de escritório, de limpeza, isto é, se não todas, pelo menos o comum a uma série de profissões. É certo que um pedreiro não é o mesmo que um serralheiro, e que um cientista não é o mesmo que um professor, mas dentro da teoria e da prática o indivíduo tem de participar para conhecer. Para ser ministro é necessário ser, em igual medida, Grego e Romano, intelectual e prático.

É no ministério que se decidem também as permutas, porque não há bela sem senão, existem indivíduos que se recusam, não a trabalhar de todo, mas a determinada profissão em determinada altura. Neste caso o ministério analisa e lança permutas que, para além de anunciarem que determinado indivíduo se recusou a participar, sujeitando-o talvez ao escárnio, leva sempre a que alguém tome essa profissão em vez dele. Geralmente os indivíduos quando recebem, no final do ano, os seus Horários Pluriprofissionais, nunca se negam a determinada profissão, pois a ideia não é construir um indivíduo egoísta, preocupado consigo mesmo, mas sim um indivíduo que se conceba como parte de uma unidade plural. Individual, porém unido. O ministério é um órgão quase imperceptível. No entanto é a face de um estado pluridemocrata, que é o de Plúris, para as relações internacionais, Plúris não está fechada ao exterior.

Gostava ainda de te falar de uma última coisa. Lembras-te de eu ter referido o Armazém de Plúris, esse centro de abastecimento da cidade é extraordinário como este órgão funciona. Na realidade não é muito distante do nosso, porém aqui funciona com uma espécie de créditos, que não variam de pessoa para pessoa dependendo da profissão, porque todos podem ser tudo, variam sim de acordo com a produção de determinado produto. Numa escala de importância existem em Plúris vários tipos de necessidades, como aliás em todo o mundo. Porém a produção não se esgota no supérfluo e no desnecessário, dá primazia ao indispensável. Assim depende em muito da quantidade e da qualidade do produto produzido em determinada profissão. É talvez das poucas, porém imperceptíveis, diferenças que podem existir entre os habitantes. No entanto todos acabam por usufruir das vantagens de tal ou tal profissão, o que coloca a balança no peso justo. Existem no ministério, arquivados, ficheiros informáticos que fazem o

balanço do sistema de produção, mas isso são pormenores nos quais não quero entrar, sei que tenho alguns créditos, porque tive de cambiar, de forma que tenho acesso a alguns bens essenciais até ao fim da minha estadia.

Prefiro terminar por aqui a carta, a última que te escrevo desta magnífica terra a Cidade de Plúris. É magnânima, soberba, colorida e cheia de vida. Aqui toda a gente respeita toda a gente, não por convenção social, mas por natureza. As mentes não se tomam por pequenas, são em grande medida impulsionadoras do que, mesmo já estando perfeito, se pode aperfeiçoar. Em Plúris a perfeição é mera palavra, pois a cidade é muito mais que isso, em Plúris o paraíso é um jardim, um só e simples jardim. Miguel vou-me despedindo com os olhos molhados pela fina água das minhas lágrimas. Por muito que se procure Plúris ficará sempre longe, no sonho, na alma, no real peso de ser humano. Plúris é uma meta, que de física só tem mesmo a sua colocação no mundo, Plúris é feita da mesma massa que faz os continentes, é terra, natureza, vida, nunca morte, paraíso.

Enquanto acabo esta carta penso, talvez erradamente, no inestimável valor deste relato, pretendo ser lembrado como o homem ocidental que esteve no paraíso. Agora que conheço Plúris, que venha a morte, pois de todos os outros mundos do mundo só vejo destroços. Que Plúris seja exemplo, passa esta carta. Um grande abraço, meu grande amigo.